

o cavaleiro da morte

bernard cornwell

Tradução de Jorge Candeias

*Este livro não segue as normas
do novo Acordo Ortográfico.*



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina



DYFED

GLWYNG

ER CIA

LVNDI

CORNWALLUM

GLEAWCESTRE

CIPPANHAMM

MERLEBOURG

READINGUM

ETHANDUN

EGBERTS-STONE

BAOUUM

BRANT

AETHELINGAEG

COIVIT

WINTAN CEASTER

HAMTUN

DORNWARACEASTER

EXAN CEASTER

OXTON

R. Afen

R. Pedredan

R. Thon

R. Tamur

Sæferm Sea

É para George MacDonald Fraser, em admiração

TOPONÍMIA

A ortografia de topónimos na Inglaterra anglo-saxónica caracterizava-se pela imprecisão, não sendo sequer consistente e consensual no que dizia respeito ao termo propriamente dito. O vocábulo Londres, por exemplo, surgia sob as mais variadas formas, entre as quais Lundonia, Lundenberg, Lundene, Lundenwic, Lundenceaster e Lundres. As preferências de alguns leitores recairão, indubitavelmente, sobre versões distintas dos topónimos referidos mais adiante, mas eu optei quase sempre por seguir a ortografia consagrada no *Oxford Dictionary of English Place-Names* como sendo a utilizada nos anos mais próximos do reinado de Alfredo, o Grande (871-899 d.C.) e durante a vigência do mesmo. Nem mesmo esta solução, no entanto, pode ser considerada infalível. Em 956, o topónimo Hayling Island escrevia-se tanto Heilincigae como Hæglingaiggæ. Eu próprio não primei pela consistência, tendo optado pela versão moderna de England (Inglaterra) em detrimento de Englalund (Terra dos Anglos) e por Northumbria (Nortúmbria) em vez de Norðhymbraland, a fim de não induzir no leitor a noção de que os limites do antigo reino correspondiam aos do condado dos dias de hoje. A lista que se segue, tal como a ortografia da toponímia, é, por isso, caprichosa.

Æsc's Hill	Ashdown, Berkshire
Æthelingæg	Athelney, Somerset
Afen	Rio Avon, Wiltshire
Andefera	Andover, Wiltshire
Baðum (diz-se Bathum)	Bath, Avon
Bebbanburg	Bamburgh Castle, Northumberland
Brant	Brent Knoll, Somerset
Bru	Rio Brue, Somerset
Cippanhamm	Chippenham, Wiltshire
Contwaraburg	Canterbury, Kent

Cornwalum	Cornualha
Cracgelad	Cricklade, Wiltshire
Cridianton	Crediton, Devon
Cynuit	Cynuit Hillfort, perto de Cannington, Somerset
Dærentmora	Dartmoor, Devon
Defereal	Kingston Deverill, Wiltshire
Defnascir	Devonshire
Dornwaraceaster	Dorchester, Dorset
Dreyndynas	“Forte de Espinhos”, ficcional, situado na Cornualha
Dunholm	Durham, condado de Durham
Dyfed	Sudoeste de Gales, principalmente no actual Pembrokeshire
Dyflin	Dublin, Eire
Eoferwic	Iorque (também Jorvic em dinamarquês, pronunciado como Yorvik)
Ethandun	Edington, Wiltshire
Exanceaster	Exeter, Devon
Exanmynster	Exminster, Devon
Gewæsc	The Wash
Gifle	Yeovil, Somerset
Gleawecestre	Gloucester, Gloucestershire
Glwysing	Reino galês, composto aproximadamente por Glamorgan e Gwent
Hamptonscir	Hampshire
Hamtun	Southampton, Hampshire
Lindisfarena	Lindisfarne (Holy Island), Northumberland
Lundene	Londres
Lundi	Ilha de Lundy, Devon
Mærlebeorg	Marlborough, Wiltshire
Ocmundtun	Okehampton, Devon
Palfleot	Pawlett, Somerset
Pedredan	Rio Parrett
Penwith	Land’s End, Cornualha

Readingum	Reading, Berkshire
Sæfern	Rio Severn
Sceapig	Ilha de Sheppey, Kent
Sillans	Ilhas Scilly
Soppan Byrg	Chipping Sodbury, Gloucestershire
Sumorsæte	Somerset
Suth Seaxa	Sussex (Saxões do Sul)
Tamur	Rio Tamar
Temes	Rio Tamisa
Thon	Rio Tone, Somerset
Thornsæta	Dorset
Uisc	Rio Exe
Werham	Wareham, Dorset
Wilig	Rio Wylfe
Wiltunscir	Wiltshire
Winburnan	Wimborne Minster, Dorset
Wintanceaster	Winchester, Hampshire



PRIMEIRA PARTE
VIKING

Nos dias que correm, olho para homens de vinte anos e penso que são pateticamente jovens, mal arrancados às tetas das mães, mas quando eu tinha vinte achava-me plenamente adulto. Tinha sido pai de uma criança, combatera na linha de escudos e detestava ouvir conselhos fosse de quem fosse. Em suma, era arrogante, estúpido e obstinado.

Tínhamos combatido os dinamarqueses junto ao oceano, onde o rio escorre do grande pântano e o Mar de Sæfern rebenta numa costa lamacenta, e aí havíamos-los derrotado. Tínhamos feito um grande massacre e eu, Uhtred de Bebbanburg, fizera a minha parte. Mais do que a minha parte pois, no fim da batalha, quando o grande Ubba Lothbrokson, o mais temido de todos os líderes dinamarqueses, abriu uma brecha na nossa linha de escudos com o seu grande machado de guerra, eu enfrentara-o, derrotara-o e mandara-o juntar-se ao *einherjar*, esse exército de mortos que se banqueteiavam e fornicam no palácio dos cadáveres de Odin.

O que eu devia ter feito nessa altura, o que Leofric me disse para fazer, era cavalgar velozmente para Exanceaster onde Alfredo, o Rei dos Saxões Ocidentais, cercava Guthrum. Devia ter chegado já noite cerrada, ter arrancado o rei ao sono e depositado o estandarte de batalha com o corvo negro de Ubba e o grande machado de guerra de Ubba, com a lâmina ainda coberta de sangue, aos pés de Alfredo. Devia ter dado ao rei a boa nova de que o exército dinamarquês fora derrotado, que os poucos sobreviventes haviam embarcado nos seus navios com cabeças de dragão, que o Wessex estava a salvo e que eu, Uhtred de Bebbanburg, alcançara todas estas coisas.

Em vez disso cavalguei para junto da minha mulher e filho.

Aos vinte anos preferia estar a montar Mildrith do que a colher a recompensa da minha boa sorte, e foi isso que fiz de errado mas, olhando para trás, tenho poucos arrependimentos. O destino é inexorável e

Mildrith, apesar de eu não ter querido casar com ela e embora tenha acabado por detestá-la, era uma coisa deliciosa de montar.

E assim, nesse fim de Primavera do ano de 877, passei o sábado a cavalgar para Cridianton em vez de ir ter com Alfredo. Levei vinte homens comigo e prometi a Leofric que estaríamos em Exanceaster antes do meio-dia de domingo e que me certificaria de que Alfredo ficaria a saber que tínhamos vencido aquela batalha e salvo o seu reino.

— Odda, o Novo, já lá está por esta altura — avisou-me Leofric. Leofric tinha quase o dobro da minha idade e era um guerreiro endurcido por anos de combate contra os dinamarqueses. — Ouviste-me? — perguntou, quando eu nada disse. — Odda, o Novo, já lá está por esta altura — repetiu — e é um pedaço de merda de ganso que vai ficar com todo o crédito.

— A verdade não pode ser escondida — disse eu com altivez.

Leofric troçou daquilo. Era um brutamontes barbudo e atarracado, que devia ter sido o comandante da frota de Alfredo mas não era bem nascido, e Alfredo pusera-me relutantemente a cargo dos doze navios porque eu era um chefe, um nobre, e a propriedade mandava que um homem de nascimento elevado comandasse a frota saxã ocidental mesmo que esta fosse demasiado insignificante para enfrentar o enorme conjunto de navios dinamarqueses que tinham vindo para a costa sul do Wessex.

— Há alturas — resmungou Leofric — em que és um *earsling*. — Um *earsling* era algo expelido pelo traseiro de uma criatura e um dos insultos preferidos de Leofric. Nós éramos amigos.

— Iremos amanhã ter com Alfredo — disse eu.

— E Odda, o Novo — disse pacientemente Leofric — já estive com ele hoje.

Odda, o Novo, era o filho de Odda, o Velho, que dera abrigo à minha mulher, e o filho não gostava de mim. Não gostava de mim porque queria montar Mildrith, o que era motivo suficiente para ele não gostar de mim. E também era, como Leofric dissera, um pedaço de merda de ganso, o que era motivo suficiente para eu não gostar dele.

— Iremos amanhã ter com Alfredo — voltei eu a dizer e, na manhã seguinte, cavalgámos todos para Exanceaster, com os meus homens a escoltar Mildrith, o nosso filho e a ama dele, e fomos encontrar Alfredo no lado norte de Exanceaster, onde o seu estandarte do dragão, verde e branco, esvoaçava por cima das tendas. Outros estandartes chicoteavam no

vento húmido, um conjunto colorido de animais, cruces, santos e armas que anunciava que os grandes homens de Wessex estavam com o seu rei. Um desses estandartes mostrava um veado negro, o que confirmava que Leofric tivera razão e Odda, o Novo, se encontrava ali no Defnascir do Sul. Fora do acampamento, entre a sua margem sul e as muralhas da cidade, havia um grande pavilhão feito de lona estendida entre postes firmados com cabos, e isso informou-me de que Alfredo, em vez de combater Guthrum, estava a conversar com ele. Estavam a negociar uma trégua, embora não naquele dia, pois era domingo, e Alfredo não faria qualquer trabalho a um domingo se pudesse evitá-lo. Fui encontrá-lo de joelhos numa igreja improvisada feita com outra lona esticada entre postes, e todos os seus nobres e *thegns* estavam reunidos atrás dele, e alguns desses homens viraram-se quando ouviram os cascos dos nossos cavalos. Odda, o Novo, foi um dos que se viraram e eu vi apreensão surgir na sua cara estreita.

O bispo que conduzia o serviço fez uma pausa para deixar a congregação dar uma resposta, e isso deu a Odda uma desculpa para afastar o olhar de mim. Estava ajoelhado perto de Alfredo, muito perto, sugerindo que estava numa posição elevada nos favores do rei, e eu não duvidei de que ele tivesse trazido o estandarte do corvo e o machado de guerra do Ubba morto para Exanceaster e reclamado os créditos pelo combate junto ao mar.

— Um dia — disse eu a Leofric — hei-de cortar aquele sacana das virilhas à goela e de dançar em cima das suas tripas.

— Devias ter feito isso ontem.

Um padre estivera ajoelhado perto do altar, um dos muitos padres que acompanhavam Alfredo em permanência, e viu-me e deslizou para trás tão discretamente quanto pôde até conseguir levantar-se e correr na minha direcção. Tinha cabelo ruivo, um olho torto, a mão esquerda entrevada e uma expressão de júbilo e assombro na cara feia.

— Uhtred! — gritou, enquanto corria para os nossos cavalos. — Uhtred! Julgávamos que estáveis morto!

— Eu? — Sorri ao padre. — Morto?

— Éreis refém!

Eu fora um dos doze reféns ingleses em Werham, mas, embora os outros tivessem sido assassinados por Guthrum, fora poupado devido ao Conde Ragnar, que era um chefe guerreiro dinamarquês e tão chegado a mim como um irmão.

— Eu não morri, padre — disse ao sacerdote, cujo nome era Beocca — e estou surpreso por não o saberdes.

— Como poderia saber?

— Porque estive em Cynuit, padre, e Odda, o Novo, podia ter-vos dito que estive lá e sobrevivi.

Estava a fitar Odda enquanto falava, e Beocca captou o azedume na minha voz.

— Estivestes em Cynuit? — perguntou com nervosismo.

— Odda, o Novo, não vos disse?

— Ele não disse nada.

— Nada! — Fiz avançar o cavalo, forçando-o a passar por entre os homens ajoelhados e, portanto, aproximando-me de Odda. Beocca tentou fazer-me parar, mas eu afastei-lhe a mão do freio. Leofric, mais sensato do que eu, ficou para trás, mas eu fiz o cavalo penetrar nas filas de trás da congregação até a aglomeração de fiéis tornar impossível o avanço, e então fitei Odda enquanto dirigia a palavra a Beocca. — Ele não descreveu a morte de Ubba? — perguntou.

— Diz que Ubba morreu na linha de escudos — disse Beocca, com a voz num silvo para não perturbar a liturgia — e que muitos homens contribuíram para a sua morte.

— Isso foi tudo o que vos disse?

— Diz que enfrentou pessoalmente Ubba — disse Beocca.

— Então quem é que os homens pensam que matou Ubba Lothbrokson? — perguntei.

Beocca apercebera-se de que se aproximavam sarilhos e tentou acalmar-me.

— Podemos conversar sobre estas coisas mais tarde — disse — mas por agora, Uhtred, juntai-vos a nós em oração. — Usou o meu nome em vez de me chamar senhor porque me conhecia desde que eu era criança. Beocca, como eu, era da Nortúmbia, e fora padre do meu pai, mas quando os dinamarqueses ocuparam o nosso país viera para Wessex a fim de se juntar aos saxões que ainda resistiam aos invasores. — Este momento é para preces — insistiu — não para querelas.

Mas a mim apeteciam-me querelas.

— Quem é que os homens dizem que matou Ubba Lothbrokson? — voltei a perguntar.

— Deram graças a Deus por o pagão estar morto — disse Beocca,

esquivando-se à pergunta, e tentou baixar-me a voz com gestos frenéticos da mão entevada.

— Quem pensais vós que matou Ubba? — perguntei e, quando Beocca não respondeu, eu dei-lhe a resposta. — Pensais que Odda, o Novo, o matou? — Vi que Beocca acreditava nisso, e a ira cresceu em mim. — Ubba lutou comigo homem a homem — disse eu, agora demasiado alto — em combate pessoal, só ele e eu. A minha espada contra o seu machado. E não estava ferido quando a luta começou, padre, e no fim estava morto. Tinha ido ter com os irmãos no palácio dos cadáveres. — Eu estava furioso e a minha voz crescera até me deixar aos gritos, e toda a congregação, distraída, se virou para me fitar. O bispo, em quem reconheci o bispo de Exanceaster, o mesmo homem que me casara com Mildrith, franziu nervosamente o cenho. Só Alfredo parecia indiferente à interrupção, mas depois, com relutância, levantou-se e virou-se para mim enquanto a mulher, a Ælswith da cara chupada, lhe sibilava ao ouvido.

— Há aqui algum homem — estava eu ainda a gritar — que negue que eu, Uhtred de Bebbanburg, matei Ubba Lothbrokson em combate singular?

Houve silêncio. Eu não pretendia perturbar o serviço, mas um orgulho monstruoso e uma raiva ingovernável tinham-me levado ao desafio. Os rostos fitavam-me, os estandartes esvoaçavam ao vento irregular e a chuva pouco intensa pingava das bordas do toldo de lona. E continuava a não obter resposta de ninguém, mas os homens viram que eu estava a fitar Odda, o Novo, e alguns olharam-no em busca de réplica, mas ele emudecera.

— Quem matou Ubba? — gritei-lhe.

— Isto não é correcto — disse Alfredo num tom zangado.

— Foi isto que matou Ubba! — declarei, e puxei por Bafo de Serpente.

E esse foi o meu erro seguinte.

*

NO INVERNO, ENQUANTO EU ESTAVA ENCLAUSURADO EM WERHAM como um dos reféns dados a Guthrum, fora instituída uma nova lei que decretava que nenhum homem, além dos guardas pessoais do rei, podia

puxar por uma arma na presença deste. A lei não se destinava apenas a proteger Alfredo, mas também a prevenir que as quezílias entre os seus homens de elevada condição se tornassem letais e, ao puxar por Bafo de Serpente, eu violara a lei sem o saber, de modo que os seus guardas pessoais convergiram de súbito sobre mim com lanças e espadas desembainhadas até que Alfredo, envolto num manto vermelho e de cabeça descoberta, gritou para que todos os homens se imobilizassem.

Depois aproximou-se de mim e eu vi a ira na sua cara. Ele tinha uma cara estreita, de nariz e queixo compridos, testa alta e boca de lábios finos. Normalmente estava escanhado, mas deixara crescer uma barba curta que o fazia parecer mais velho. Ainda nem vivera trinta anos, mas parecia estar mais perto dos quarenta. Era dolorosamente magro, e as suas frequentes enfermidades haviam-lhe dado um aspecto desagradável. Parecia-se mais com um padre do que com o rei dos Saxões Ocidentais, pois possuía a cara irritada e pálida de um homem que passa demasiado tempo longe do sol e debruçado sobre livros, mas havia uma indubitável autoridade nos seus olhos. Eram olhos muito claros, tão cinzentos como cota de malha, implacáveis.

— Quebrastes a minha paz — disse — e ofendestes a paz de Cristo.

Embainhei Bafo de Serpente, principalmente porque Beocca me murmurou que parasse de ser um maldito idiota e guardasse a espada, e agora o padre estava a puxar-me pela perna direita, tentando fazer-me desmontar e ajoelhar perante Alfredo, que adorava. Ælswith, mulher de Alfredo, fitava-me com puro desprezo.

— Ele devia ser punido — gritou.

— Ide para ali — disse o rei, apontando para uma das suas tendas — e aguardai o meu julgamento.

Não tive alternativa que não fosse obedecer, pois os seus guardas pessoais aglomeraram-se à minha volta, todos envergando cotas de malha e com elmos postos, portanto fui levado para a tenda, onde desmontei e me baixei para entrar. O ar cheirava a erva amarelecida e esmagada. A chuva tamborilava no tecto de linho e parte dela infiltrava-se e caía num altar que continha um crucifixo e duas bugias vazias. A tenda era claramente a capela privativa do rei e Alfredo obrigou-me a esperar aí durante muito tempo. A congregação dispersou-se, a chuva terminou e uma húmida luz solar emergiu por entre as nuvens. Uma harpa soava agures, talvez para Alfredo e a esposa ouvirem

enquanto comiam. Um cão entrou na tenda, olhou para mim, alçou a pata contra o altar e voltou a sair. O sol desapareceu atrás das nuvens e mais chuva tamborilou no tecido, e depois ouviu-se um sururu à porta da tenda e dois homens entraram. Um era Æthelwold, o sobrinho do rei e o homem que devia ter herdado do pai o trono do Wessex, se não o tivessem visto como demasiado jovem, motivo pelo qual a coroa fora transmitida ao seu tio. Dirigiu-me um sorriso acanhado e submisso relativamente ao segundo homem, que tinha constituição pesada, uma barba completa e era dez anos mais velho do que Æthelwold. Apresentou-se espirrando, após o que se assoou na mão e limpou o ranho no casaco de couro.

— Chamam a isto Primavera — resmungou, após o que me fitou com uma expressão truculenta. — A maldita chuva nunca pára. Sabes quem eu sou?

— Wulfhere — disse eu — o chefe de Wiltunscir. — Era primo do rei e um dos homens mais poderosos do Wessex.

Ele confirmou com a cabeça.

— E sabes quem é este maldito idiota? — perguntou, indicando com um gesto Æthelwold, que trazia na mão um rolo de pano branco.

— Conhecemo-nos um ao outro — disse eu. Æthelwold era cerca de um mês mais novo do que eu e tinha sorte, suponho, por o seu tio Albert ser tão bom cristão, caso contrário poderia ter contado com uma faca na noite. Era muito mais bem parecido do que Alfredo, mas também era tolo, frívolo e normalmente andava bêbado, embora parecesse estar bastante sóbrio naquela manhã de domingo.

— Agora estou encarregado de Æthelwold — disse Wulfhere — e de ti. E o rei mandou-me castigar-te. — Matutou naquilo por um segundo. — O que a mulher dele quer que eu faça — prosseguiu — é arrancar-te as tripas por esse teu cu malcheiroso e dá-las a comer aos porcos. — Fitou-me com intensidade. — Sabes qual é a pena por se puxar por uma espada na presença do rei?

— Uma multa? — alvitrei.

— A morte, meu palerma, a morte. Fizeram uma nova lei no Inverno passado.

— Como haveria eu de saber?

— Mas Alfredo está a sentir-se misericordioso — disse Wulfhere, ignorando a minha pergunta. — Portanto não vais ser pendurado de

uma força. Hoje não, pelo menos. Mas ele quer a tua garantia de que vais manter a paz.

— Que paz?

— A maldita paz dele, meu palerma. Ele quer que nós combatamos os dinamarqueses, não que nos andemos a cortar uns aos outros. Portanto, de momento, tens de jurar manter a paz.

— De momento?

— De momento — disse ele sem entoação, e eu limitei-me a encolher os ombros, o que ele tomou por aquiescência. — Com que então mataste Ubba? — perguntou.

— Matei.

— É o que tenho ouvido dizer. — Voltou a espirrar. — Conheces Edor?

— Conheço — disse eu. Edor era um dos chefes de batalha do Chefe Odda, um guerreiro dos homens de Defnascir, e lutara a nosso lado em Cynuit.

— Edor contou-me o que aconteceu — disse Wulfhere — mas só porque confia em mim. Pelo amor de Deus, pára de mexer em tudo! — Isto foi dirigido a Æthelwold, que estava a espreitar por baixo da cobertura de linho do altar, possivelmente à procura de algo valioso. Alfredo, em vez de assassinar o sobrinho, parecia decidido a matá-lo de aborrecimento. Æthelwold nunca fora autorizado a combater, para evitar que construísse reputação, e em vez disso fora forçado a aprender a ler, coisa que odiava, e por conseguinte passava ociosamente o tempo, a caçar, a beber, com prostitutas e cheio de ressentimento por não ser o rei. — Limita-te a ficar quieto, rapaz — rosnou Wulfhere.

— Edor contou-te — disse eu, incapaz de afastar a indignação da voz — porque confia em ti? Queres dizer que o que aconteceu em Cynuit era segredo? Mil homens viram-me matar Ubba!

— Mas Odda, o Novo, ficou com o crédito para si — disse Wulfhere — e o pai está gravemente ferido e, se morrer, Odda, o Novo, transformar-se-á num dos homens mais ricos do Wessex e liderará mais tropas e pagará a mais padres do que tu podes esperar fazer, portanto os homens não vão querer ofendê-lo, pois não? Vão fingir acreditar nele, para o manterem generoso. E o rei já acredita nele; porque não haveria de acreditar? Odda apareceu aqui com o estandarte e o machado de guerra de Ubba Lothbrokson. Deixou-os cair aos pés de Alfredo e depois

ajoelhou-se e louvou Deus e prometeu construir uma igreja e um mosteiro em Cynuit. E o que fizeste tu? Montaste um maldito cavalo para o meio de uma missa e brandiste uma espada. Não é coisa inteligente que se faça com Alfredo.

Respondi àquilo com um meio sorriso, pois Wulfhere tinha razão. Alfredo era invulgarmente piedoso, e uma maneira segura de ter sucesso no Wessex era adular essa piedade, imitá-la e atribuir a Deus qualquer boa fortuna.

— O Odda é um cretino — rosou Wulfhere, surpreendendo-me — mas agora é o cretino de Alfredo, e tu não vais alterar isso.

— Mas eu matei...

— Eu sei o que fizeste! — interrompeu-me Wulfhere. — E Alfredo provavelmente suspeita que estás a dizer a verdade, mas acredita que Odda o tornou possível. Pensa que tanto Odda como tu combateram Ubba. Pode nem querer saber se nenhum de vocês o fez, mas Ubba está morto e isso são boas notícias, e foi Odda quem trouxe essa notícia, portanto do traseiro de Odda jorra o brilho do sol e por isso só se quiseses que os soldados do rei te enforcem num ramo alto é que vais arranjar uma rixa com o Odda. Compreendes-me?

— Sim.

Wulfhere suspirou.

— O Leofric disse que arranjarias juízo se eu te desse na cabeça durante tempo suficiente.

— Quero falar com o Leofric — disse eu.

— Não podes — disse Wulfhere num tom cortante. — Ele foi mandado de volta para Hamtun, que é onde devia estar. Mas tu não vais voltar. A frota vai ser posta a cargo de outra pessoa. Tu vais fazer penitência.

Por um momento, julguei ter ouvido mal.

— Vou fazer o quê? — perguntei.

— Vais prostrar-te — disse Æthelwold, falando pela primeira vez. Sorriu-me. Não éramos propriamente amigos, mas tínhamos bebido juntos e ele parecia gostar de mim. — Vais vestir-te como uma rapariga, — prosseguiu Æthelwold — pôr-te de joelhos e ser humilhado.

— E vais fazê-lo agora mesmo — acrescentou Wulfhere.

— Raios me partam...

— Acabas partido seja como for — rosou-me Wulfhere, após o que arrancou a trouxa branca das mãos de Æthelwold e a atirou para a minha

frente. Era uma túnica de penitente e eu deixei-a no chão. — Pelo amor de Deus, rapaz, — disse Wulfhere — tem algum juízo. Tens aqui mulher e terras, não tens? O que acontece se não fizeres o que o rei quer? Queres ser proscrito? Queres ver a tua mulher num convento? Queres que a igreja te tire as terras?

Eu fitei-o.

— Tudo o que fiz foi matar Ubba e dizer a verdade.

Wulfhere suspirou.

— És da Nortúmbria — disse — e não sei como se fazem as coisas lá em cima, mas isto é o Wessex de Alfredo. Podes fazer o que quiseres em Wessex menos mijar na igreja dele, e foi isso o que acabaste de fazer. Mijaste, filho, e agora a igreja vai mijar-te em cima. — Fez uma careta quando a chuva caiu com mais força na tenda e depois franziu o cenho, fitando a poça que se ia alastrando mesmo à porta. Ficou em silêncio durante muito tempo, antes de se virar de me dirigir um olhar estranho. — Julgas que alguma destas coisas é importante?

Julgava, mas fiquei tão espantado com a pergunta, que fora feita numa voz baixa e amarga, que não arranjei nada para dizer.

— Achas que a morte de Ubba faz alguma diferença? — perguntou e, de novo, julguei ter ouvido mal. — E mesmo se Guthrum fizer a paz — prosseguiu — achas que ganhámos? — A sua cara pesada ficou subitamente selvática. — Quanto tempo será Alfredo rei? Quanto tempo demorarão os dinamarqueses a governar aqui?

Continuava sem ter nada para dizer. Vi que Æthelwold estava a escutar com atenção. Ansiava por ser rei, mas não tinha seguidores e era evidente que Wulfhere fora nomeado seu guardião para o impedir de arranjar problemas. Mas as palavras de Wulfhere sugeriam que os problemas surgiriam na mesma.

— Limita-te a fazer o que Alfredo quer — aconselhou-me o chefe — e depois arranja maneira de continuar a viver. É tudo o que qualquer de nós pode fazer. Se Wessex cair, iremos todos estar à procura de alguma maneira de ficarmos vivos, mas entretanto veste o raio dessa túnica, e despacha o assunto.

— Nós os dois — disse Æthelwold, e pegou na túnica e eu vi que tinha trazido duas, dobradas juntas.

— Tu? — tornou-lhe Wulfhere. — Estás bêbado?

— Sou penitente por estar bêbado. Ou estive bêbado; agora estou

penitente. — Sorriu-me e enfiou a túnica pela cabeça. — Vou até ao altar com o Uhtred — disse, com a voz abafada pelo linho.

Wulfhere não podia impedi-lo mas sabia, como eu sabia, que Æthelwold estava a fazer troça do rito. E eu sabia que Æthelwold estava a fazê-lo como favor, apesar de, que eu soubesse, ele não me dever favores. Mas senti-me grato, portanto enfiei o maldito hábito e, lado a lado com o sobrinho do rei, dirigi-me para a minha humilhação.

*

EU POUCO SIGNIFICAVA PARA ALFREDO. ELE TINHA UMA VINTENA DE grandes senhores no Wessex, ao passo que do outro lado da fronteira, na Mércia, havia outros senhores e *thegns* que viviam sob domínio dinamarquês mas que combateriam pelo Wessex se Alfredo lhes desse oportunidade. Todos esses grandes homens podiam fornecer-lhe soldados, podiam trazer espadas e lanças ao estandarte do dragão de Wessex, enquanto eu não lhe podia dar nada além da minha espada, Bafo de Serpente. Era verdade que era um lorde, mas vinha da distante Nortúmbria e não liderava homens, portanto o único valor que tinha para ele estava no futuro longínquo. Eu ainda não compreendia isto. Com o tempo, com o alastrar para norte do domínio de Wessex, o meu valor cresceu mas, nessa altura, em 877, quando eu era um jovem zangado de vinte anos, a única coisa que sabia era o que ambicionava.

E aprendi a humilhação. Ainda hoje, uma vida mais tarde, me lembro da amargura daquela prostração penitencial. Por que motivo Alfredo me obrigou a fazê-la? Eu conquistara uma grande vitória em seu nome, mas ele insistiu em envergonhar-me. Porquê? Porque eu tinha perturbado um serviço religioso? Era em parte isso, mas só em parte. Ele amava o seu deus, amava a igreja, e acreditava apaixonadamente que a sobrevivência do Wessex dependia da obediência à igreja, logo protegeria a igreja tão ferozmente como combateria pelo seu país. E amava a ordem. Havia um lugar para tudo, e eu não me encaixava, e ele acreditava genuinamente que, se eu pudesse ser trazido para o seio de Deus, passaria a fazer parte da sua querida ordem. Em suma, ele via-me como um jovem cão indisciplinado que precisava de umas boas chicotadas antes de se poder juntar à disciplinada matilha.

Portanto obrigou-me a prostrar-me.

E Æthelwold fez figuras tristes.

A princípio não. A princípio tudo foi solenidade. Todos os homens do exército de Alfredo estavam lá para ver e dispuseram-se em duas linhas à chuva. As linhas estendiam-se até ao altar sob a lona esticada, onde Alfredo e a mulher aguardavam com o bispo e um bando de padres.

— De joelhos — disse-me Wulfhere. — Tens de ir de joelhos — insistiu numa voz átona — e de gatinhar até ao altar. Beija a toalha de altar e depois estende-te.

— E depois?

— Depois Deus e o rei perdoam-te — disse ele, e pôs-se à espera. — Faz duma vez o que te digo — rosnou.

E eu fiz. Pus-me de joelhos e fui avançando pela lama, as linhas silenciosas de homens observaram-me, e então Æthelwold, que me seguia de perto, desatou a gemer que era um pecador. Atirou os braços ao ar, caiu de cara no chão, uivou que estava arrependido, guinchou que era um pecador, e a princípio os homens ficaram embaraçados e depois divertidos.

— Estive com mulheres! — gritou Æthelwold à chuva — e elas eram más mulheres! Perdoai-me!

Alfredo ficou furioso, mas não podia impedir um homem de fazer figura de parvo perante Deus. Seria possível que julgasse que o remorso de Æthelwold era genuíno?

— Perdi a conta às mulheres! — gritou Æthelwold, após o que enterrou os punhos na lama. — Oh, Deus, eu adoro tetas! Deus, eu adoro mulheres nuas, Deus, perdoai-me por isso! — Os risos espalharam-se, e todos os homens devem ter-se lembrado de que Alfredo, antes de a piedade o prender nas suas mãos viscosas, fora célebre pelas mulheres de que andara atrás. — Tendes de me ajudar, Deus! — gritou Æthelwold depois de gatinharmos mais um par de metros. — Enviai-me um anjo!

— Para poderes dar-lhe uma queca? — gritou uma voz na multidão, e os risos transformaram-se num rugido.

Ælswith foi levada dali, para que não ouvisse alguma inconveniência. Os padres segredavam uns com os outros, mas a penitência de Æthelwold, apesar de extravagante, parecia bastante honesta. Ele estava a chorar. Eu sabia que na verdade estava a rir, mas uivava como se a sua alma estivesse numa agonia.

— Basta de tetas, Deus! — gritou. — Basta de tetas! — Estava a fazer figura de idiota mas, como os homens já o julgavam idiota, não se importava. — Mantende-me afastado das tetas, Deus! — gritou, e foi então que Alfredo se foi embora, sabendo que a solenidade do dia estava arruinada, e a maior parte dos padres foi com ele, e Æthelwold e eu gatinhámos até um altar abandonado onde Æthelwold entregou a túnica salpicada de lama e se encostou à mesa. — Odeio-o — disse baixinho, e eu compreendi que se referia ao tio. — Odeio-o — prosseguiu — e agora deves-me um favor, Uhtred.

— Pois devo — disse eu.

— Hei-de arranjar forma de me pagares — disse ele.

Odda, o Novo, não se fora embora com Alfredo. Parecia confuso. A minha humilhação, que decerto julgara vir a apreciar, transformara-se em risos, e ele estava ciente de que os homens o observavam, avaliando a sua veracidade, e aproximou-se mais de um homem enorme que era claramente um dos seus guarda-costas. Esse homem era alto e muito largo de peito, mas era a sua cara que chamava a atenção, pois a pele parecia ter sido demasiado esticada por sobre o crânio, deixando-lhe a cara incapaz de fazer alguma expressão que não fosse um ódio puro e uma fome lupina. O homem exalava violência como se fosse o fedor de um cão molhado e, quando olhou para mim, foi como o olhar sem alma de uma fera, e eu compreendi instintivamente que aquele era o homem que me mataria se Odda descobrisse alguma oportunidade de cometer um assassinio. Odda não era nada, não passava do filho mimado de um rico, mas o seu dinheiro dava-lhe os meios de comandar homens que eram assassinos. Odda puxou pela manga do homem alto e ambos se viraram e se afastaram.

O padre Beocca ficara perto do altar.

— Beijai-o — ordenou-me — depois estendei-vos no chão.

Em vez disso, levantei-me.

— Beijai-o vós, padre — disse. Estava zangado e a minha ira assustou Beocca, que recuou.

Mas eu fizera o que o rei queria. Fora penitente.

*

O HOMEM ALTO QUE ACOMPANHAVA ODDA, O NOVO, CHAMAVA-SE STEAPA. Os homens chamavam-lhe Steapa Snotor, ou Steapa, o Esperto.

— É uma piada — disse-me Wulfhære enquanto eu me livrava do hábito de penitente e voltava a pôr a cota de malha.

— Uma piada?

— Porque ele é estúpido como um boi — disse Wulfhære. — Tem girinos em vez de cérebro. É estúpido, mas não é um combatente estúpido. Não o viste em Cynuit?

— Não — disse eu com brusquidão.

— Então que interesse tem Steapa para ti? — perguntou Wulfhære.

— Nenhum — disse eu. Perguntara ao chefe quem era o guarda-costas de Odda para poder saber o nome do homem que poderia tentar matar-me, mas esse possível assassinio não era da conta de Wulfhære.

Wulfhære hesitou, com vontade de fazer mais perguntas, mas decidiu que não conseguiria arrancar-me uma resposta melhor.

— Quando os dinamarqueses vierem — disse — serás bem recebido se te juntares aos meus homens.

Æthelwold, o sobrinho de Alfredo, tinha nas mãos as minhas duas espadas e tirou Bafo de Serpente da bainha, fitando os finos padrões na sua lâmina.

— Se os dinamarqueses vierem — disse ele a Wulfhære — tendes de me deixar combater.

— Tu não sabes combater.

— Então tendes de me ensinar. — Voltou a enfiar Bafo de Serpente na bainha. — O Wessex precisa de um rei que saiba combater — disse — em vez de rezar.

— Devias ter tento na língua, rapaz — disse Wulfhære — para o caso de ela te ser cortada. — Tirou bruscamente as espadas a Æthelwold e entregou-mas. — Os dinamarqueses virão, — disse — portanto junta-te a mim quando vierem.

Eu acenei com a cabeça mas não disse nada. Quando os dinamarqueses viessem, pensei, planeava estar com eles. Fora criado por dinamarqueses depois de ter sido capturado aos dez anos de idade, e eles podiam ter-me matado, mas em vez disso trataram-me bem. Eu aprendera a língua deles e adorara os seus deuses até já não saber se era dinamarquês ou inglês. Se o Conde Ragnar, o Velho, tivesse sobrevivido, eu nunca os teria abandonado, mas ele morrerá, assassinado numa noite de traição e fogo, e eu fugira para sul, para o Wessex. Mas agora queria regressar. Assim

que os dinamarqueses abandonassem Exanceaster eu iria juntar-me ao filho de Ragnar, Ragnar, o Novo, se ele estivesse vivo. O navio de Ragnar, o Novo, estivera na frota que fora maltratada na grande tempestade. Dezenas de navios tinham-se afundado, e os restos da frota haviam chegado com dificuldade a Exanceaster, onde os barcos estavam agora reduzidos a cinzas na margem do rio, à vista da cidade. Eu não sabia se Ragnar estava vivo. Esperava que sim, e rezava para que escapasse a Exanceaster, e então eu iria ter com ele, oferecer-lhe-ia a minha espada e usaria essa espada contra Alfredo do Wessex. Depois, um dia, vestiria um hábito a Alfredo e obrigá-lo-ia a gatinhar até um altar a Thor. E depois matá-lo-ia.

Eram estes os meus pensamentos enquanto cavalgávamos para Oxton. Essa era a propriedade que obtivera com o casamento com Mildrith e era um lugar belo, mas tão sobrecarregado de dívidas que era mais fardo do que prazer. A quinta ficava nas vertentes das colinas que davam para leste, para o largo estuário do Uisc, e por cima da casa havia densas florestas de carvalhos e freixos, das quais fluíam pequenos riachos cristalinos que atravessavam os campos em que crescia trigo, cevada e centeio. A casa não era um palácio, era um edifício cheio de fumo, feito de lama, bosta, carvalho e palha de centeio, e era tão comprida e baixa que parecia um monte verde, coberto de musgo, de onde escapava fumo pelo buraco central do telhado. No pátio anexo havia porcos, galinhas e pilhas de estrume tão grandes como a casa. O pai de Mildrith gerira a quinta, ajudado por um administrador chamado Oswald, que era um fuinha e me causou ainda mais problemas naquele domingo chuvoso enquanto regressávamos à quinta.

Eu vinha furioso, ressentido e vingativo. Alfredo humilhara-me, o que fez com que fosse um infortúnio para Oswald ele ter escolhido aquela tarde de domingo para arrastar um carvalho da floresta. Eu vinha a matutar nos prazeres da vingança enquanto deixava o cavalo escolher o seu caminho pelo trilho entre as árvores e vi oito bois a puxar o grande tronco na direcção do rio. Três homens espicavam os bois, enquanto um quarto, Oswald, seguia montado no tronco com um chicote. Ele viu-me e saltou do tronco e, por um segundo, pareceu querer fugir para o meio das árvores, mas então apercebeu-se de que não conseguiria escapar-me e limitou-se a ficar à espera enquanto eu me aproximava do grande cepo de carvalho.

— Senhor — cumprimentou Oswald. Estava surpreendido por me

ver. Provavelmente julgava que eu tinha sido morto com os outros reféns, e essa crença tornara-o descuidado.

O meu cavalo estava nervoso por causa do fedor a sangue que vinha dos flancos dos bois, e pôs-se a andar para trás e para a frente em pequenos passos até que eu o acalmei com palmadinhas no pescoço. Depois olhei para o tronco de carvalho, que devia ter uns doze metros de comprimento e uma largura equivalente à altura de um homem.

— Uma bela árvore — disse eu a Oswald.

Ele desviou o olhar para Mildrith, que estava a vinte passos de distância.

— Bom dia, senhora — disse, arrancando o gorro que usava por cima do eriçado cabelo ruivo.

— Um dia húmido, Oswald — disse ela. O pai nomeara o administrador e Mildrith tinha uma fé inocente na sua honestidade.

— Eu disse — repeti eu em voz alta — uma bela árvore. Onde foi ela abatida?

Oswald enfiou o gorro no cinto.

— Na cumeada de cima, senhor — disse, de forma vaga.

— Na cumeada de cima que faz parte das minhas terras?

Ele hesitou. Sentia-se sem dúvida tentado a afirmar que o tronco provinha das terras de um vizinho, mas essa mentira podia ser facilmente exposta, portanto nada disse.

— Nas minhas terras? — voltei a perguntar.

— Sim, senhor — admitiu ele.

— E para onde vai?

Ele voltou a hesitar, mas foi obrigado a responder.

— Para o moinho do Wigulf.

— O Wigulf vai comprá-la?

— Vai dividi-la, senhor.

— Eu não perguntei o que ele vai fazer com ela. — disse eu — mas se a vai comprar.

Mildrith, ouvindo a dureza na minha voz, interveio para dizer que o pai por vezes mandava madeira para o moinho de Wigulf, mas eu silencieei-a com um gesto.

— Ele vai comprá-la? — perguntei eu a Oswald.

— Nós precisamos da madeira, senhor, para fazer reparações — disse o administrador — e Wigulf paga-a com madeira cortada.

— E tu levas a árvore a um domingo? — Ele não tinha resposta a dar àquilo. — Diz-me — prossegui — se precisamos de tábuas para reparações, por que motivo não cortamos nós o tronco? Faltam-nos homens? Faltam-nos cunhas? Faltam-nos malhos?

— Sempre foi o Wigulf a fazer isso — disse Oswald num tom mal-humorado.

— Sempre? — repeti, e Oswald não disse nada. — O Wigulf vive em Exanmynster? — aventei. Exanmynster ficava a cerca de uma milha para norte e era a povoação mais próxima de Oxton.

— Sim, senhor — disse Oswald.

— Então se eu cavalgar agora para Exanmynster — disse eu — o Wigulf vai dizer-me quantas árvores como esta tu lhe entregaste no último ano?

Houve silêncio, à parte da chuva que pingava das folhas e os cantos intermitentes dos pássaros. Aproximei o cavalo alguns passos de Oswald, que agarrou o cabo do chicote como se se estivesse a preparar-se para me chicotear.

— Quantas? — perguntei.

Oswald nada disse.

— Quantas? — exigi saber, mais alto.

— Marido — chamou Mildrith.

— Silêncio! — gritei-lhe, e Oswald olhou para mim, depois para ela e depois outra vez para mim. — E quanto foi que o Wigulf te pagou? — perguntei. — A quanto se vende uma árvore como esta? Oito xelins? Nove?

A ira que me fizera agir tão impetuosamente na missa de Albert voltou a despertar. Era óbvio que Oswald andava a roubar madeira e a ser pago por ela, e o que eu devia ter feito era acusá-lo de roubo e pô-lo em tribunal, onde um júri decidiria da sua culpa ou inocência, mas não estava com disposição para um processo desses. Limitei-me a puxar por Bafo de Serpente e a esporear o cavalo. Mildrith gritou um protesto, mas eu ignorei-a. Oswald fugiu, e isso foi um erro porque o apanhei facilmente e Bafo de Serpente foi brandida uma vez e abriu-lhe a parte de trás do crânio de tal forma que vi miolos e sangue enquanto ele caía. Ele ficou a contorcer-se no terriço e eu dei meia volta ao cavalo e espetei-lhe a espada na garganta.

— Isso foi um assassínio! — gritou-me Mildrith.

— Isto foi justiça, — rosnei-lhe eu — coisa que falta no Wessex. — Cuspi no corpo de Oswald, que ainda se contorcia. — O sacana andava a roubar-nos.

Mildrith esporeou o cavalo, seguindo colina acima à frente da ama que transportava o nosso filho. Deixei-a ir.

— Levem o tronco para a casa — ordenei aos escravos que estavam a espicaçar os bois. — Se for demasiado grande para arrastar colina acima, cortem-no aqui e levem as tábuas para a casa.

Passei revista à casa de Oswald naquela noite e descobri cinquenta e três xelins enterrados no chão. Levei a prata, confisquei-lhe as panelas, o espeto, as facas, as fivelas e um manto de camurça e depois expulsei das minhas terras a mulher e os três filhos dele. Tinha chegado a casa.

A minha ira não foi saciada pela morte de Oswald. A morte de um administrador desonesto não era consolação para aquilo que eu via como uma monstruosa injustiça. De momento, o Wessex estava a salvo dos dinamarqueses, mas só estava a salvo porque eu matara Ubba Lothbrokson e a minha recompensa fora a humilhação.

Pobre Mildrith. Ela era uma mulher pacífica que pensava bem de toda a gente que conhecia e agora dava consigo casada com um guerreiro zangado e ressentido. Tinha receio da ira de Alfredo, estava aterrorizada com a possibilidade de a igreja me punir por perturbar a sua paz, e preocupava-se com a ideia de os parentes de Oswald poderem exigir de mim um *wergild*. E fá-lo-iam. Um *wergild* era o preço de sangue que qualquer homem, mulher e criança possuía. Quem matar um homem terá de pagar o seu preço, ou então morrer também, e eu não duvidava de que a família de Oswald fosse ter com Odda, o Novo, que fora nomeado chefe de Defnascir porque o pai estava ferido com demasiada gravidade para continuar como chefe, e Odda instruiria o bailio do condado para me capturar e me levar a julgamento, mas eu não me importava. Caçava javalis e veados, cismava e esperava novidades das negociações em Exanceaster. Contava que Alfredo fizesse o que fazia sempre, isto é, que fizesse a paz com os dinamarqueses e os libertasse, e quando ele o fizesse eu iria ter com Ragnar.

E enquanto esperava, encontrei o meu primeiro servidor. Era escravo e eu descobri-o em Exanmynster num belo dia de Primavera. Houvera uma feira de emprego, onde os homens procuravam trabalho durante os dias atarefados da fenação e das colheitas e, como em todas as feiras, havia malabaristas, contadores de histórias, homens em andas, músicos e acrobatas. Também lá estava um homem alto de cabelo branco, com uma cara enrugada e séria, que vendia sacos encantados de couro que transformavam ferro em prata. Ele mostrou-nos como aquilo se fazia e eu vi-o meter dois pregos comuns no saco e, um momento mais tarde,

eram de pura prata. Ele disse que tínhamos de enfiar um crucifixo de prata no saco e depois dormir uma noite com ele atado ao pescoço antes da magia funcionar, e eu paguei-lhe três xelins de prata por um saco, e ele nunca funcionou. Passei meses à procura do homem, mas nunca o encontrei. Mesmo nos dias que correm encontro homens e mulheres daqueles, a vender bolsas ou caixas feiticeiras, e agora mando chicoteá-los e expulsá-los das minhas terras, mas na altura tinha só vinte anos e acreditava nos meus olhos. Aquele homem atraía uma grande multidão, mas havia ainda mais pessoas reunidas junto do portão da igreja, de onde irrompiam gritos a intervalos de alguns minutos. Fiz avançar o cavalo para a periferia da multidão, recolhendo olhares pouco amistosos de pessoas que sabiam que eu matara Oswald, mas ninguém se atreveu a acusar-me do assassinio, pois eu trazia tanto Bafo de Serpente como Aguilhão de Vespa.

Estava um jovem junto do portão da igreja. Estava nu até à cintura e descalço e tinha uma corda em volta do pescoço, e a corda estava atada à coiceira. Na mão tinha um bastão curto e robusto. Tinha cabelo comprido, claro e solto, olhos azuis, uma cara obstinada e sangue por todo o peito, barriga e braços. Estava guardado por três homens. Também eles tinham cabelos claros e olhos azuis e gritavam num estranho sotaque.

— Vinde lutar com o pagão! Três *pennies* para fazer o filho da mãe sangrar! Vinde lutar!

— Quem é ele? — perguntei.

— Um dinamarquês, senhor, um pagão dinamarquês. — O homem arrancou o chapéu da cabeça quando falou comigo, depois voltou a virar-se para a multidão. — Vinde lutar com ele! Vingai-vos! Fazei um dinamarquês sangrar! Sede um bom cristão! Magoai um pagão!

Os três homens eram frísios. Suspeitei que tivessem feito parte do exército de Alfredo e, agora que ele estava a conversar com os dinamarqueses em vez de os combater, os três haviam desertado. Os frísios vinham do outro lado do mar, e vinham apenas por um motivo, o dinheiro, e aquele trio arranjara forma de capturar o jovem dinamarquês e estava a lucrar com ele enquanto durasse. E isso podia ser algum tempo, pois ele era bom. Um saxão, jovem e forte, pagou os seus três *pennies* e recebeu uma espada, que brandiu violentamente contra o prisioneiro, mas o dinamarquês parou todos os golpes, fazendo voar lascas de madeira do bastão, e quando viu uma aberta deu uma pancada na cabeça

do oponente com força suficiente para lhe fazer escorrer sangue de um ouvido. O saxão recuou a cambalear, meio atordoado, e o dinamarquês enfiou-lhe o bastão na barriga e, enquanto o saxão se dobrava, sem fôlego, o bastão assobiou num golpe circular que lhe teria quebrado o crânio como um ovo se os frísios não tivessem puxado a corda, fazendo o dinamarquês cair para trás.

— Temos outro herói? — gritou um frísio enquanto o jovem saxão era ajudado a afastar-se. — Vá lá, rapazes! Mostrai a vossa força! Espancai um dinamarquês até fazer sangue!

— Eu espanco-o — disse eu. Desmontei e abri caminho pelo meio da multidão. Entreguei as rédeas do cavalo a um rapaz e puxei por Bafo de Serpente. — Três *pennies*? — perguntei aos frísios.

— Não, senhor — disse um deles.

— Porque não?

— Não queremos um dinamarquês morto, pois não? — respondeu o homem.

— Queremos! — gritou alguém na multidão. As pessoas do vale de Uisc não gostavam de mim, mas gostavam ainda menos dos dinamarqueses e deliciavam-se com a perspectiva de verem um prisioneiro ser massacrado.

— Só podeis feri-lo, senhor — disse o frísio. — E tendes de usar a nossa espada. — Estendeu a arma. Deitei-lhe uma olhadela, viu o gume embotado, e cuspi.

— Tenho? — perguntei.

O frísio não quis discutir.

— Só podeis fazer correr sangue, senhor — disse.

O dinamarquês sacudiu o cabelo dos olhos e observou-me. Mantinha o bastão baixo. Eu conseguia ver que ele estava nervoso, mas não havia medo nos seus olhos. Provavelmente travara uma centena de batalhas desde que os frísios o tinham capturado, mas esses combates tinham sido contra homens que não eram soldados, e devia ter-se apercebido, ao ver as minhas duas espadas, de que eu era um guerreiro. A sua pele estava manchada com nódoas negras e ornamentada com sangue e cicatrizes, e certamente contava com mais um ferimento vindo de Bafo de Serpente, mas estava determinado a dar-me luta.

— Como te chamas? — perguntei em dinamarquês.

Ele olhou-me a pestanejar, surpreendido.

— O teu nome, rapaz — disse eu. Chamei-lhe “rapaz”, apesar de ele não ser muito mais novo do que eu.

— Haesten.

— Haesten quê?

— Haesten Storrison — disse ele, dando-me o nome do pai.

— Luta com ele! Não converses com ele! — gritou uma voz na multidão.

Virei-me para fitar o homem que gritara e ele não conseguiu sustentar o meu olhar, após o que me virei depressa, muito depressa, e girei Bafo de Serpente num golpe rápido que Haesten parou por instinto, de tal forma de Bafo de Serpente cortou o bastão como se estivesse podre. Haesten ficou reduzido a um toco de madeira, enquanto o resto da sua arma, um metro de grosso freixo, foi parar ao chão.

— Mata-o! — gritou alguém.

— Fazei só correr sangue, senhor, — disse um dos frísios — por favor, senhor. Ele não é mau rapaz, para dinamarquês. Fazei-o só sangrar, e nós pagar-vos-emos.

Pontapeei o bastão de freixo para longe de Haesten.

— Pega nele — disse.

Ele olhou-me com nervosismo. Para pegar no bastão teria de esticar até ao fim a corda que o prendia, e depois baixar-se e, nesse momento, exporia as costas a Bafo de Serpente. Observou-me, com os olhos amargos sob a franja de cabelo sujo, e decidiu que eu não o atacaria enquanto ele se baixava. Foi até ao bastão e, quando se inclinou, eu pontapeei-o mais para longe alguns centímetros.

— Pega nele — voltei a ordenar-lhe.

Ele ainda tinha na mão o toco de freixo e, quando deu mais um passo, esticando a corda, girou subitamente e tentou enfiar-me a extremidade partida na barriga. Era rápido, mas eu estava mais ou menos à espera daquele movimento e agarrei-lhe no pulso com a mão esquerda. Apertei com força, magoando-o.

— Pega nele — disse pela terceira vez.

Desta vez ele obedeceu, baixando-se para o bastão e, para o alcançar, teve de retesar a corda por completo e eu golpeei a corda com Bafo de Serpente, cortando-a. Haesten, que estava a fazer força para diante, foi de cara ao chão quando a corda de couro foi cortada. Eu pus-lhe o pé esquerdo sobre as costas e pousei-lhe a ponta de Bafo de Serpente sobre a espinha.

— Alfredo — disse eu aos frísios — ordenou que todos os prisioneiros dinamarqueses lhe sejam levados.

Os três olharam-me e nada disseram.

— Então porque não levastes este homem ao rei? — quis saber.

— Não sabíamos, senhor, — disse um deles — ninguém nos disse — o que não era surpreendente, pois Alfredo não dera tal ordem.

— Vamos agora levá-lo ao rei, senhor — garantiu-me outro.

— Eu poupo-vos a esse trabalho — disse eu. Tirei o pé de cima de Haesten. — Levanta-te — disse-lhe em dinamarquês. Atirei uma moeda ao rapaz que me segurava o cavalo e icei-me para a sela onde ofereci uma mão a Haesten. — Sobe para trás de mim — ordenei-lhe.

Os frísios protestaram, vindo contra mim de espadas desembainhadas, portanto tirei Aguilhão de Vespa da bainha e entreguei-a a Haesten, que ainda não montara. Depois virei o cavalo para os frísios e sorri-lhes.

— Estas pessoas — disse, e indiquei a multidão com Bafo de Serpente — já pensam que eu sou um assassino. E também sou o homem que enfrentou Ubba Lothbrokson junto ao mar e o matou aí. Digo-vos isto para que possais gabar-vos de haver matado Uhtred de Bebbanburg.

Baixei a espada, apontando-a ao homem mais próximo, e ele recuou. Os outros, sem mais vontade de lutar do que o primeiro, foram com ele. Haesten içou-se então para trás de mim e eu esporeei o cavalo para o meio da multidão, que se abriu com relutância.

Quando nos libertámos deles, fiz Haesten desmontar e devolver-me Aguilhão de Vespa.

— Como foste capturado? — perguntei-lhe.

Ele disse-me que estava num dos navios de Guthrum que tinham sido apanhados pela tempestade e que o seu navio se afundara, mas ele agarrara-se a alguns destroços e fora atirado para a costa, onde os frísios o tinham encontrado.

— Éramos dois, senhor, — disse — mas o outro morreu.

— És agora um homem livre — disse-lhe eu.

— Livre?

— És homem meu, — disse — e vais prestar-me um juramento, e eu vou dar-te uma espada.

— Porquê? — quis ele saber.

— Porque um dinamarquês me salvou em tempos, — disse eu — e eu gosto dos dinamarqueses.

Também queria Haesten porque precisava de homens. Não confiava em Odda, o Novo, e temia Steapa Snotor, o guerreiro de Odda, portanto queria ter espadas em Oxton. Mildrith, claro, não queria dinamarqueses armados de espadas em sua casa. Queria lavradores e camponeses, leiteiras e criados, mas eu disse-lhe que era um lorde, e um lorde tem espadas.

E sou, de facto, um lorde, um lorde da Nortúmbria. Sou Uhtred de Bebbanburg. Os meus antepassados, cuja linhagem remonta ao deus Woden, o Odin dos dinamarqueses, foram em tempos reis no Norte de Inglaterra e, se o meu tio não me tivesse roubado Bebbanburg quando eu tinha apenas dez anos, eu ainda aí viveria como senhor da Nortúmbria, em segurança na sua fortaleza salpicada pelo mar. Os dinamarqueses tinham capturado a Nortúmbria, e o seu rei-fantoches, Ricsig, governava em Eoferwic, mas Bebbanburg era demasiado forte para qualquer dinamarquês e aí governava o meu tio Ælfric, chamando a si mesmo Chefe Ælfric, e os dinamarqueses deixavam-no em paz desde que ele não lhes causasse problemas e eu sonhava com frequência em regressar à Nortúmbria para reclamar os meus direitos de nascimento. Mas como? Para capturar Bebbanburg precisaria de um exército, e tudo o que tinha era um jovem dinamarquês, Haesten.

E tinha outros inimigos na Nortúmbria. Havia o Conde Kjartan e o filho Sven, que perdera um olho por minha causa, e eles de bom grado me matariam, e o meu tio pagar-lhes-ia para o fazerem, portanto eu não tinha futuro na Nortúmbria, pelo menos naquela época. Mas queria regressar. Era esse o desejo da minha alma, e regressaria com Ragnar, o Novo, meu amigo, que ainda vivia porque o seu navio resistira à tempestade. Ouvira-o de um padre, que ouvira as negociações nos arredores de Exanceaster, e ele tinha a certeza de que o Conde Ragnar fora um dos lordes dinamarqueses na delegação de Guthrum.

— Um homem grande — disse-me o padre — e muito ruidoso. — Esta descrição convenceu-me de que Ragnar estava vivo, e o meu coração ficou contente com isso, pois sabia que o meu futuro era com ele, não com Alfredo. Sem dúvida que, quando as negociações foram concluídas e as tréguas feitas, os dinamarqueses abandonariam Exanceaster e eu daria a minha espada a Ragnar e usá-la-ia contra Alfredo, que me odiava. E eu odiava-o a ele.

Disse a Mildrith que partiríamos de Defnascir para irmos ter com Ragnar, que eu queria ser um dos seus homens e que queria resolver a

minha contenda com Kjartan e com o meu tio sob o estandarte da águia de Ragnar, e Mildrith respondeu com lágrimas e mais lágrimas.

Não suporto ouvir uma mulher chorar. Mildrith estava magoada e confusa e eu estava zangado, e assanhámo-nos um contra o outro como gatos selvagens, e a chuva continuou a cair e eu enfureci-me como uma fera numa jaula e desejei que Alfredo e Guthrum acabassem com as conversas porque toda a gente sabia que Alfredo iria deixar Guthrum partir, e assim que Guthrum saísse de Exanceaster eu podia juntar-me aos dinamarqueses e não queria saber se Mildrith viria ou não desde que o meu filho, que usava o meu nome, fosse comigo. Portanto, de dia caçava, de noite bebia e sonhava com vingança e então houve uma noite em que cheguei a casa e fui encontrar o Padre Willibald à espera.

Willibald era um homem bom. Fora capelão da frota de Alfredo quando eu comandara aqueles doze navios, e disse-me que estava de viagem, de regresso a Hamtun, mas achou que eu gostaria de saber o que acontecera nas longas conversações entre Alfredo e Guthrum.

— Há paz, senhor, — disse-me — graças a Deus, há paz.

— Graças a Deus — ecoou Mildrith.

Eu estava a limpar o sangue da lâmina de uma lança para javalis e nada disse. Estava a pensar que Ragnar estava agora livre do cerco e me podia juntar a ele.

— O tratado foi firmado ontem, com juramentos solenes, — disse Willibald — portanto temos paz.

— Eles fizeram juramentos solenes um ao outro no ano passado — disse eu com amargura. Alfredo e Guthrum tinham feito a paz em Werham, mas Guthrum quebrara as tréguas e assassinara os reféns que tinha em seu poder. Onze dos doze tinham morrido e só eu sobrevivera porque Ragnar estava lá para me proteger. — Então em que concordaram eles? — perguntei.

— Os dinamarqueses deverão entregar todos os seus cavalos — disse Willibald — e marchar de volta à Mércia.

Ainda bem, pensei, porque seria para aí que eu iria. Não disse isso a Willibald; afirmei com ar trocista que Alfredo estava apenas a deixar que eles se fossem embora.

— Porque é que não os combate? — perguntei.

— Porque eles são demasiados, senhor. Porque demasiados homens morreriam de ambos os lados.

— Ele devia matá-los a todos.

— A paz é melhor do que a guerra — disse Willibald.

— Ámen — disse Mildrith.

Eu pus-me a afiar a lança, passando com a pedra de amolar pela longa lâmina. Parecia-me que Aldred fora absurdamente generoso. Guthrum, afinal de contas, era o único líder de algum estatuto que restava no lado dinamarquês, e fora encurralado, e se eu fosse Alfredo não teria havido quaisquer termos, só um cerco e, no fim, o poder dinamarquês no Sul de Inglaterra teria sido quebrado. Em vez disso, Guthrum ia ser autorizado a abandonar Exanceaster.

— É a mão de Deus — disse Willibald.

Olhei para ele. Era alguns anos mais velho do que eu, mas sempre parecera mais novo. Era sério, entusiástico e gentil. Fora um bom capitão dos doze navios, embora o pobre homem estivesse sempre enjoado e empalidecesse ao ver sangue.

— Foi Deus que fez a paz? — perguntei com cepticismo.

— Quem enviou a tempestade que afundou os navios de Guthrum? — retorquiu Willibald com fervor. — Quem entregou Ubba nas nossas mãos?

— Fui eu — disse eu.

Ele ignorou-me.

— Temos um rei devoto, senhor — disse — e Deus recompensa aqueles que o servem fielmente. Alfredo derrotou os dinamarqueses! E eles compreendem isso! Guthrum é capaz de reconhecer a intervenção divina! Tem andado a fazer perguntas sobre Cristo.

Eu nada disse.

— O nosso rei crê — prosseguiu o padre — que Guthrum não está longe de ver a verdadeira luz de Cristo. — Inclinou-se para a frente e tocou-me o joelho. — Jejuámos, senhor, — disse — rezámos, e o rei acredita que os dinamarqueses serão trazidos para Cristo e, quando isso acontecer, haverá uma paz permanente.

Ele estava convicto de cada palavra daquele disparate e, claro, aquilo era música doce para os ouvidos de Mildrith. Ela era uma boa cristã e depositava grande fé em Alfredo e, se o rei acreditava que o seu deus traria a vitória, ela também acreditaria. Parecia-me uma loucura, mas eu nada disse enquanto um criado nos trazia cerveja, pão, arenques fumados e queijo.

— Vamos ter uma paz cristã — disse Willibald, fazendo o sinal da cruz por cima do pão antes de comermos — selada por reféns.

— Voltámos a dar reféns a Guthrum? — perguntei, espantado.

— Não — disse Willibald. — Mas ele concordou em dar-nos reféns. Incluindo seis condes!

Parei de amolar a lança e olhei para Willibald.

— Seis condes?

— Incluindo o vosso amigo Ragnar! — Willibald parecia contente com aquela novidade, mas eu fiquei horrorizado. Se Ragnar não estava com os dinamarqueses, eu não poderia ir ter com eles. Ele era meu amigo e os seus inimigos eram meus inimigos, mas sem Ragnar para me proteger eu ficaria horrivelmente vulnerável a Kjartan e a Sven, o pai e filho que tinham assassinado o pai de Ragnar e me queriam ver morto. Sem Ragnar, bem o sabia, não podia abandonar o Wessex.

— Ragnar é um dos reféns? — perguntei. — Tendes certeza?

— Claro que tenho certeza. Ele vai ficar à responsabilidade do Chefe Wulfhere. Todos os reféns vão ficar à responsabilidade de Wulfhere.

— Durante quanto tempo?

— Enquanto Alfredo desejar, ou até que Guthrum seja batizado. E Guthrum concordou que os nossos padres podem falar com os seus homens. — Willibald dirigiu-me um olhar suplicante. — Temos de ter fé em Deus — disse. — Temos de dar a Deus tempo para trabalhar os corações dos dinamarqueses. Guthrum compreende agora que o nosso deus tem poder!

Levantei-me e fui até à porta, afastando a cortina de couro e fitando o largo estuário do Uisc. Estava descoroçoado. Odiava Alfredo, não queria estar no Wessex, mas agora parecia que estava condenado a ficar ali.

— E que faço eu? — perguntei.

— O rei perdoar-vos-á, senhor — disse nervosamente Willibald.

— Perdoar-me? — Virei-me para ele. — E o que é que o rei acredita que aconteceu em Cynuit? Estáveis lá, padre, — disse eu — constastes-lhe?

— Conteí.

— E?

— Ele sabe que sois um bravo guerreiro, senhor. — disse Willibald — e que a vossa espada é um trunfo para o Wessex. Voltará a receber-vos, tenho certeza, e receber-vos-á com júbilo. Ide à igreja, pagai as vossas dívidas e mostrai que sois um bom homem de Wessex.

— Eu não sou saxão ocidental, — rosnei-lhe — sou nortúmbrio!

E isso era parte do problema. Eu era um forasteiro. Falava um inglês diferente. Os homens do Wessex estavam amarrados pela família e eu vinha do estranho Norte, e as pessoas acreditavam que era pagão e chamavam-me assassino por causa da morte de Oswald e, por vezes, quando cavalgava pela propriedade, os homens faziam o sinal da cruz para afastar o mal que viam em mim. Chamavam-me Uhtredærwe, o que significa Uhtred, o Malvado, e eu não ficava infeliz com o insulto, mas Mildrith sim. Ela garantia-lhes que eu era cristão, mas mentia, e a nossa infelicidade levou todo esse Verão a fermentar. Ela rezava pela minha alma, eu preocupava-me com a minha liberdade e, quando me suplicava que fosse com ela à igreja em Exanmynster, eu rosnava-lhe que nunca voltaria a pôr os pés noutra igreja enquanto fosse vivo. Ela chorava quando eu dizia aquilo e as suas lágrimas faziam-me sair de casa para caçar e por vezes a caçada levava-me à borda de água, onde ficava a fitar o *Heahengel*.

O navio jazia adernado na praia deixada a descoberto pela maré baixa, repetidamente erguido e pousado pelas marés, abandonado. Era um dos navios da frota de Alfredo, um dos doze grandes navios de guerra que ele construía para atormentar os barcos dinamarqueses que atacavam a costa do Wessex, e eu e Leofric tínhamos trazido o *Heahengel* de Hamtun em perseguição da frota de Guthrum e conseguíramos sobreviver à tempestade que levava tantos dinamarqueses à morte e encahláramos o *Heahengel* ali, deixando-o sem mastro e sem vela, e o navio continuava na praia de Uisc, a apodrecer e aparentemente esquecido.

Arcanjo. Era o que o nome significava. Fora Alfredo que o batizara e eu sempre odiara o nome. Um navio devia ter um nome orgulhoso, não uma ranhosa palavra religiosa, e devia ostentar uma fera à proa, alta e provocadora, uma cabeça de dragão para desafiar o mar ou um lobo a rosnar para aterrorizar um inimigo. Por vezes subia para bordo do *Heahengel* e via como os aldeões da zona haviam saqueado parte das suas tábuas mais elevadas e como havia água no porão, e lembrava-me dos seus dias orgulhosos no mar e do vento a chicotear o seu aparelho de pele de foca e do estrondo quando abalroávamos um barco dinamarquês.

Agora, como eu, o *Heahengel* fora deixado a desfazer-se, e por vezes sonhava repará-lo, encontrar novo cordame e uma nova vela, arranjar homens e levar o seu longo casco para o mar. Queria estar em qualquer

sítio menos onde estava. Queria estar com os dinamarqueses, e sempre que o dizia Mildrith voltava a chorar.

— Não me podes obrigar a viver entre os dinamarqueses!

— Porque não? Eu vivi.

— Eles são pagãos! O meu filho não vai crescer como um pagão!

— Ele também é meu filho — dizia eu — e irá adorar os deuses que eu adoro. — E então havia mais lágrimas e eu saía porta fora e levava os cães para o alto da floresta e perguntava a mim próprio por que razão o amor azedava como o leite. Depois de Cynuit eu quisera tanto estar com Mildrith, mas agora não conseguia aguentar a infelicidade e a piedade dela, e ela não suportava a minha ira. Tudo o que queria que eu fizesse era que lavrasse os campos, mungisse as vacas e juntasse as colheitas para pagar a grande dívida que me arranjava com o casamento. Essa dívida provinha de uma promessa feita pelo pai de Mildrith, a promessa de dar à igreja os rendimentos de quase metade das suas terras. Essa promessa era para todos os tempos e vinculava os seus herdeiros, mas os ataques dos dinamarqueses e más colheitas tinham-no arruinado. Contudo, os da igreja, venenosos como serpentes, ainda insistiam que a dívida fosse paga e diziam que, se eu não pudesse pagar, os monges ficariam com as nossas terras, e sempre que eu ia a Exanceaster sentia os padres e os monges a observar-me e a desfrutar das suas perspectivas de enriquecimento. Exanceaster era de novo inglesa, pois Guthrum entregara os reféns e fora para norte, e portanto uma espécie de paz chegara ao Wessex. Os *fyrds*, os exércitos de cada condado, tinham sido desmobilizados e mandados de volta para as respetivas quintas. Salmos eram cantados em todas as igrejas e Alfredo, para assinalar a vitória, enviava presentes para todos os mosteiros e conventos. A Odda, o Novo, que era celebrado como o campeão de Wessex, tinham sido dadas todas as terras em volta do local onde a batalha fora travada em Cynuit e ele ordenara que uma igreja fosse aí construída e dizia-se que a igreja teria um altar de ouro como agradecimento a Deus por ter permitido a sobrevivência de Wessex.

Mas durante quanto tempo poderia o reino sobreviver? Guthrum continuava vivo e eu não partilhava a crença cristã de que Deus enviara paz ao Wessex. E não era o único, pois no meio do Verão Alfredo regressou a Exanceaster, onde convocou o seu *witan*, um conselho dos principais *thegns* e eclesiásticos do reino, e Wulfhere de Wiltunscir foi um dos homens convocados, e eu fui uma noite à cidade e fui informado de que

o chefe e os seus seguidores se tinham alojado n’O *Cisne*, uma taberna próxima da porta oriental. Ele não se encontrava lá, mas Æthelwold, o sobrinho de Alfredo, estava a fazer os possíveis por deixar a taberna sem cerveja.

— Não me digas que o sacana te convocou para o *witan*? — cumprimentou-me ele com amargura. O “sacana” era Alfredo, que surripiara o trono ao jovem Æthelwold.

— Não — disse eu. — Vim falar com Wulphere.

— O chefe está na igreja — disse Æthelwold — e eu não estou. — Sorriu e indicou com um gesto o banco na sua frente. — Senta-te e bebe. Embebeda-te. Depois arranjam os raparigas. Três, se preferires. Quatro, se quiseres?

— Esqueces-te de que sou casado — disse eu.

— Como se isso já tivesse detido alguém.

Sentei-me e uma das criadas trouxe-me cerveja.

— Estás no *witan*? — perguntei a Æthelwold.

— O que é que te parece? Achas que aquele sacana quer os meus conselhos? “Senhor rei”, diria eu, “porque é que não saltais do alto de um penhasco e rezais para que Deus vos dê asas?” — Empurrou um prato de costeletas de porco na minha direcção. — Eu estou aqui para poderem manter-me debaixo de olho. Estão a assegurar-se de que não ando a planear traições.

— E andas?

— Claro que ando. — Sorriu. — Vais juntar-te a mim? Deves-me um favor.

— Queres a minha espada ao teu serviço? — perguntei.

— Sim. — E falava a sério.

— Então és tu e eu — disse — contra todo o Wessex. Quem mais lutará connosco?

Ele franziu o cenho, pensando, mas não se saiu com nenhum nome. Fitou a mesa e eu senti pena dele. Sempre gostara de Æthelwold, mas nunca ninguém confiaria nele, pois era tão descuidado quanto irresponsável. Alfredo, pensei, avaliara-o bem. Se ele ficasse livre, tornar-se-ia irrelevante bebendo e indo às meninas.

— O que eu devia fazer — disse — era ir juntar-me a Guthrum.

— Então porque não vais?

Ele ergueu os olhos para mim, mas não teve resposta a dar. Talvez

soubesse a resposta, que Guthrum o receberia de braços abertos, lhe prestaria honrarias, o usaria e acabaria por matá-lo. Mas essas talvez fossem melhores perspectivas do que a vida que levava. Encolheu os ombros e recostou-se, afastando o cabelo da cara. Era um jovem surpreendentemente bem parecido e também isso o distraía, pois as raparigas eram atraídas por ele como os padres por ouro.

— O que o Wulfhere pensa — disse, com a voz levemente entarame-lada — é que Guthrum há-de vir matar-nos a todos.

— Provavelmente — disse eu.

— E se o meu tio morrer, — disse, sem se incomodar a baixar a voz, mesmo havendo uma vintena de homens na taberna — o filho é demasiado novo para ser rei.

— É verdade.

— Portanto será a minha vez! — E sorriu.

— Ou a de Guthrum — disse eu.

— Então bebe, meu amigo, — disse — porque estamos todos enfiados na fossa. — Sorrii-me, evidenciando de súbito o seu encanto. — Então se não queres combater por mim — perguntou — como te propões pagar o favor?

— Como gostarias que ele fosse pago?

— Podias matar o Abade Hewald? Com requintes de malvadez? Devagarinho?

— Podia fazer isso — disse. Hewald era abade em Winburnan e famoso pela dureza que usava para ensinar os rapazes a ler.

— Por outro lado — prosseguiu Æthelwold — eu gostaria de matar pessoalmente aquele sacana magricela, portanto não o faças por mim. Eu descobrirei alguma coisa que não deixe o meu tio feliz. Não gostas dele, pois não?

— Não.

— Então havemos de congeminar alguma travessura. Oh, meu Deus. — Esta última imprecação surgiu porque a voz de Wulfhere soou subitamente volumosa mesmo junto da porta. — Ele está zangado comigo.

— Porquê?

— Uma das leiteiras está grávida. Acho que queria ser ele a fazê-lo, mas eu fiz lá manteiga primeiro. — Bebeu a cerveja até ao fim. — Vou para os Três Sinos. Queres vir?

— Tenho de falar com o Wulfhere.

Æthelwold saiu pela porta das traseiras ao mesmo tempo que o chefe se baixava para entrar pela da frente. Wulfhere vinha acompanhado por uma dúzia de *thegns*, mas viu-me e atravessou a sala.

— Têm estado a reconsagrar a igreja do bispo — resmungou. — Horas atrás de horas, raios os partam! Só cantorias e orações, horas de rezas só para tirar do sítio a mancha dos dinamarqueses. — Sentou-se pesadamente. — Terei eu visto o Æthelwold aqui?

— Sim.

— Queria que te juntasses à sua rebeliãozinha, é?

— Sim.

— Maldito pateta. Então porque estás aqui? Vieste oferecer-me a tua espada? — Referia-se a eu jurar-lhe lealdade e tornar-me assim seu guerreiro.

— Quero falar com um dos reféns, — disse eu — portanto procuro a tua autorização.

— Reféns. — Estalou os dedos para lhe trazerem cerveja. — Malditos reféns. Tive de fazer novos edifícios para os alojar. E quem os paga?

— Tu?

— Claro que sou eu. E também querem que os alimente? Alimentá-los? Guardá-los? Encerrá-los? E Alfredo paga alguma coisa?

— Diz-lhe que vais construir um mosteiro — sugeri.

Ele olhou-me como seu eu fosse louco, mas depois viu o gracejo e riu.

— É bem verdade, ele assim pagava-me, não era? Ouviste falar do mosteiro que estão a construir em Cynuit?

— Ouvi dizer que vai ter um altar de ouro.

Ele voltou a rir.

— É o que eu ouço dizer. Não acredito, mas ouço dizer. — Observou uma das criadas da taberna que atravessava a sala. — Não é da minha autorização que precisas para visitar os reféns — disse ele — mas da de Alfredo, e ele não ta dará.

— A autorização de Alfredo? — perguntei.

— Eles não são simples reféns — disse ele — mas sim prisioneiros. Tenho de os encerrar e de vigiá-los de noite e de dia. Ordens de Alfredo. Ele pode pensar que Deus nos trouxe a paz, mas assegurou-se de que tem reféns bem nascidos. Seis condes! Sabes quantos servidores têm? Quantas mulheres? Quantas bocas para alimentar?

— Se eu for a Wiltunscir — disse eu — posso falar com o Conde Ragnar?

Wulphere franziu-me o sobrolho.

— O Conde Ragnar? O barulhento? Gosto dele. Não, rapaz, não podes, porque ninguém está autorizado a falar com eles excepto um maldito padre que fala a língua deles. Foi Alfredo que o enviou e está a tentar transformá-los em cristãos, e se fores sem a minha autorização Alfredo será informado de que lá estiveste e vai querer que eu lhe dê uma explicação. Ninguém pode falar com os pobres desgraçados. — Fez uma pausa para coçar um piolho sob o colarinho. — Também tenho de alimentar o padre, e Alfredo tampouco paga por isso. Nem sequer me paga para alimentar aquele labrego do Æthelwold!

— Quando eu fui refém em Werham — expliquei — o Conde Ragnar salvou-me a vida. Guthrum matou os outros, mas Ragnar defendeu-me. Disse que teriam de o matar a ele antes de me matarem a mim.

— E parece ser um homem difícil de matar — disse Wulphere — mas se Guthrum atacar o Wessex será isso o que devo fazer. Matá-los a todos. Talvez não as mulheres. — Fitou sombriamente o pátio da taberna, onde um grupo dos seus homens estava a jogar aos dados à luz do luar. — E Guthrum irá atacar — acrescentou em voz baixa.

— Não é isso o que tenho ouvido dizer.

Ele olhou-me desconfiado.

— E o que tens tu ouvido dizer, meu jovem?

— Que Deus nos enviou paz.

Wulphere riu-se da minha troça.

— O Guthrum está em Gleawecestre, — disse — e isso fica só a meio dia de marcha da nossa fronteira. E dizem que há mais navios dinamarqueses a chegar todos os dias. Estão em Lundene, estão no Humber, estão em Gewæsc. — Franziu o sobrolho. — Mais navios, mais homens, e Alfredo anda a construir igrejas! E há aquele tipo chamado Svein.

— Svein?

— Trouxe os navios da Irlanda. O sacana está agora em Gales, mas não vai ficar lá, pois não? Há-de vir para o Wessex. E diz-se que vêm mais dinamarqueses da Irlanda para se juntarem a ele. — Ficou a remoer as más notícias. Eu não sabia se eram verdadeiras, pois havia sempre rumores daqueles, mas era claro que Wulphere acreditava nelas. — Devíamos marchar sobre Gleawecestre — disse — e massacrá-los a todos antes de nos massacrarem a nós, mas temos um reino governado por padres.

Aquilo era verdade, pensei, tal como era certo que Wulphere não me facilitaria a conversa com Ragnar.

— Entregas uma mensagem a Ragnar? — perguntei.

— Como? Não falo dinamarquês. Podia pedir ao padre, mas ele iria dizer a Alfredo.

— Ragnar tem uma mulher consigo? — perguntei.

— Têm todos.

— Uma rapariga magra — disse eu — de cabelo preto. A cara como a de um falcão.

Ele acenou cautelosamente com a cabeça.

— É isso. Tem um cão, sim?

— Tem um cão — disse eu — e o seu nome é Nihtgenga.

Ele encolheu os ombros como se não quisesse saber do nome do cão, mas depois compreendeu o seu significado.

— Um nome inglês? — perguntou. — Uma rapariga dinamarquesa chama Duende ao cão?

— Ela não é dinamarquesa — disse eu. — Chama-se Brida e é saxã. Ele fitou-me, depois riu.

— Cabrazinha astuciosa. Tem andado a ouvir o que nós dizemos, não tem?

Brida era, de facto, astuciosa. Fora a minha primeira amante, uma rapariga da Ânglia Oriental que fora educada pelo pai de Ragnar e agora dormia com Ragnar.

— Fala com ela — disse eu — e dá-lhe os meus cumprimentos, e diz que, se houver guerra... — Fiz uma pausa, sem saber bem o que dizer. Não valia a pena prometer fazer os possíveis por salvar Ragnar, pois, se a guerra chegasse, os reféns seriam massacrados muito antes de eu conseguir alcançá-los.

— Se houver guerra? — incitou Wulphere.

— Se houver guerra — disse eu, repetindo as palavras que ele me dissera antes da minha penitência — vamos todos andar à procura de alguma maneira de ficarmos vivos.

Wulphere fitou-me durante muito tempo e o seu silêncio disse-me que, embora eu não tivesse conseguido encontrar uma mensagem para Ragnar, enviara uma mensagem a Wulphere. Ele bebeu cerveja.

— Quer dizer que a cabra fala inglês, é?

— É saxã.

E eu também era, mas odiava Alfredo e queria juntar-me a Ragnar quando pudesse, se pudesse, quisesse Mildrith o que quisesse. Pelo menos assim pensava. Mas bem fundo debaixo da terra, onde a serpente cadáver rói as raízes de Yggdrasil, a árvore da vida, há três cardadoras. Três mulheres que criam o nosso destino. Podemos acreditar que fazemos escolhas, mas na verdade as nossas vidas estão nos dedos das cardadoras. Elas fazem as nossas vidas e o destino é tudo. Os dinamarqueses sabem-no, e até os cristãos o sabem. *Wyrd bið ful aræd*, dizemos nós, os saxões, o destino é inexorável, e as cardadoras tinham decidido o meu, pois uma semana depois da reunião do *witan*, quando Exanceaster voltou a ficar em sossego, enviaram-me um navio.